



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS

GENIVAL DANIEL GODINHO SOUSA

A DIDÁTICA EM SALA DE AULA

SANTARÉM – PA

JULHO DE 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS

GENIVAL DANIEL GODINHO SOUSA

A DIDÁTICA EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso, Apresentado à
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA
como requisito para obtenção de título de
Licenciado pleno em Língua Portuguesa.

Orientador: Dr. Heliud Luis Maia Moura

SANTARÉM – PA

JULHO DE 2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S725d Sousa, Genival Daniel Godinho
 A didática na sala de aula / Genival Daniel Godinho Sousa. - Santarém, 2019.
 49 f.
 Inclui bibliografias.

 Orientador: Heliud Luís Maia Moura
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
 Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Licenciatura em Língua Portu-
 guesa.

 1. Trabalho. 2. Diferenças. 3. Mudanças. I. Moura, Heliud Luís Maia, orient.
 II. Título.

CDD: 23 ed. 371.3

Precisamos conhecer o ensino da Língua Portuguesa para termo êxito no ensino. A escola é um fator fundamental nesse processo de Ensino/Aprendizado. Somos nós os Professores que precisamos refletir e inovar os métodos de ensinar em sala de aula. Só assim, teremos sucesso no sistema educacional.

(Genival Daniel Godinho Sousa)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu Pai “in Memória”, mesmo não estando presente, o mesmo foi a base de coragem para mim continuar na luta para conclusão desta etapa do estudo acadêmico. Minha família, meus amigos e meu orientador Dr^o Heliud Luis Maia Moura, que não desistiu de mim nos momentos que cheguei a desistir dos estudos. A universidade Federal do Oeste do Pará que me deu oportunidade para esta formação, todos os meus professores que me apoiaram ao longo período de estudo. A escola Dr^a Doutora Maria Amália que permitiu para que trabalhasse como facilitador dos programas federais, como o Novo Mais Educação e o Fórmula da Vitória que me fez com que eu chegasse a esta meta. Se não fosse por essas ajudas, não teria concluído este trabalho e a todos os que direto ou indiretamente somaram e fizeram parte desta formação.

AGRADECIMENTO

Eu agradeço Primeiramente a Deus por ser especial em minha vida, o autor do meu destino, meu guia, meu socorro, presente nas horas difíceis. A você meu pai em memória, sua presença significou segurança e a certeza de que nunca estive sozinho nessa caminhada. Meus irmãos, filhos e família que acreditaram em minha capacidade de lutar pelo meu sonho de ser um professor e ajudar as crianças que precisam dos meus trabalhos. A minha Escola onde eu aprendi a letra A, As professoras que alfabetizaram e a minha mãe que sempre se procurava saber como eu estava encarando esse desafio.

Obrigado pela paciência, pela humildade, pelos incentivos, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena todas as críticas, todos os momentos de dificuldades que apareceram em meu caminho e mais uma vez a você Dr^o. Heliud Luis Maia Moura por acreditar no meu potencial sem receio de aceitar ser meu orientador, valeu a pena esperar, hoje estou colhendo a semente que plantei no passado, meu desempenho e meu trabalho. Meu muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I BASES TEÓRICAS.....	12
ORALIDADE.....	16
LEITURA.....	17
ATIVIDADES DE GRAMÁTICA.....	18
II LEIURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITO.....	25
PROCEDIMENTO DE LEITURA.....	27
DAS OBSERVAÇÕES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	29
III DAS CATEGORIAS E SUAS ANÁLISES.....	31
AMBIENTE ESCOLAR.....	31
AS DIFICULDADES EM SALA DE AULA.....	
PROJETOS PEDAGOGICO TRABALHADO EM SALA DE AULA.....	33
O MATERIAL DIDÁTICO.....	34
DOS CONTEÚDOS TRABALHADO.....	35
A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS

PARECER DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Professor Orientador: Heliud Luis Maia Moura

Banca Examinadora: Washington Luis dos Santos Abreu

Edvaldo da Silva Bernardo

Orientando / Autor: Genival Daniel Godinho de Sousa

Título do Trabalho: A didática em sala de aula

Parecer: *Considerando a qualidade deste trabalho referente produto acadêmico de iniciação científica, a banca decidiu por sua aprovação.*

Local da Defesa: Sala R1 do Câmpus Rondon

Conceito: 85

Data da defesa: 23 de Julho de dois mil e dezenove

Banca Examinadora:

Washington Luis dos Santos Abreu

Banca Examinadora (orientador):

Heliud Luis Maia Moura

RESUMO

DANIEL. Genival Sousa Godinho

O Presente Trabalho tem como objetivo apresentar análises das categorias, nas quais foram coletados em uma conversa com a professora de Língua Portuguesa dos anos iniciais do ensino fundamental. As análises apresentadas, têm a culminância de mostrar como ainda o ensino de língua nas escolas ainda apresentam dificuldades aos alunos em aprender esta disciplina. Segundo a professora, as dificuldades existem pelo fato de muitos professores não inovar suas metodologias e de não haver uma sequência didática nas aulas ministradas pelos mesmos. Com base nas respostas da professora, podemos tirar ideias que podem nos ajudar a modernizar as aulas de língua portuguesa e fazer com que os alunos passem a ter o prazer de aprender com mais facilidade e passar a gostar de estudar esta disciplina que para alguns alunos se torna um tormento. É necessário que possamos facilitar para que esses alunos aprendam e tenham bons rendimentos nos estudos. Para ser um bom aluno não basta apenas saber ler e escrever, mas também que possam entender o que escreveu e interpretar o leu. Só assim terão êxito na carreira, somando para educação e formando cidadãos de bem.

A leitura, a escrita e a fala são os eixos principais deste trabalho em que será apresentado, com base na pesquisa, as ideias surgem e as mudanças acontecem. Portanto, para sermos bons no que fazemos temos que fazer o diferente acontecer, por que não existe o meio termo, ou você faz direito ou não faz.

Palavras-chaves: Trabalho, diferença, mudanças.

ABSTRACT: The present study aims to present analysis of the categories, in which were collected in a conversation with the teacher of Portuguese Language early years of elementary school. The analyses presented, have the culmination of showing how still language teaching in schools still present difficulties to students in learning this discipline. According to the teacher, the difficulties exist because many teachers do not innovate their methodologies and there is no didactic sequence in the classes taught by them. Based on the teacher's answers, we can take ideas that can help us to modernize the Portuguese language classes and make students have the pleasure to learn more easily and start to enjoy studying this discipline that for some students becomes a torment We need to be able to make it easier for these students to learn and earn a good living in their studies. To be a good student not only be able to read and write, but also

to understand what you have written and read. Only then will they succeed in their careers, adding to education and forming good citizens.

Reading, writing and speech are the main axes of this work in which it will be presented, based on research, ideas arise and changes take place. So to be good at what we do we have to make the different happen, because there is no middle ground, either you do it right or you don't do it right.

Keywords: Work, difference, changes.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o ensino de língua com base em gêneros textuais ou discursivos não é nova. Nos PCNs de Língua Portuguesa e estrangeira, os preconizam que o trabalho na sala de aula de língua deva ser baseado nos gêneros, sejam eles orais ou escritos. Ainda assim, com base nas avaliações internas ou externas, percebemos que a competência comunicativa escrita dos alunos ainda não está no patamar necessário para uma escrita autônoma e eficaz. O objetivo deste trabalho é discutir brevemente sobre a concepção de texto. Trabalhar com gêneros textuais traz à tona algumas discussões relacionadas a definições de texto e diferenças entre gênero e tipo textual.

O ensino de língua portuguesa tem passado por algumas mudanças desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Esse conjunto de parâmetros foi criado para servir como base para ensinar gramática de uma forma mais ligada à funcionalidade da língua, aproximando-a da realidade do Aluno. Realidade esta que ainda falta muito mais por parte do professor de língua portuguesa olhar com mais atenção para que os alunos possam aprender com mais facilidade e interpretar facilmente os textos, seja ele oral ou escrito. Primeiramente, temos que fazer com que o aluno conheça o que é texto e as diferenças entre os gêneros e tipos textuais, além de como o ensino de produção textual pode se tornar uma tarefa mais rica se a elaboração de textos for com base em gêneros textuais variados.

Tratando de produção textual, este trabalho vai mostrar algumas maneiras de como a produção de texto é trabalhado nas séries iniciais do ensino fundamental. Com base na conversa que tive como uma professora do 7º ano do ensino fundamental, onde eu tive a oportunidade de acompanhar as aulas dela por quatro meses e no encerramento das atividades eu pude gravar a conversa com a mesma. Foi muito importante pra mim, pois, onde pude perceber a dificuldade que os alunos enfrentam em sala de aula quando o “O professor”, não dá a atenção que o aluno precisa quando chegar nesse nível dos estudos. Não é o caso da professora que conversei, mas os professores que trabalharam com os alunos nas séries iniciais antes que ela os assumisse o desafio deixados por eles (professores). Durante quatro meses, eu observei que os alunos tinham dificuldades em ler e interpretar os textos que estudávamos em sala de aula. Não gostavam de roda de conversa, de produzir artigo de opinião, carta. Tudo isso

se tornou novo quando a professora começou a trabalhar com eles, mas com o decorrer das aulas, as mudanças foram acontecendo, e por fim, chegaram ao fim das aulas já com outra mentalidade, mentalidade de saber e o que era uma produção de texto, ou seja, já sabiam a diferença entre os gêneros e tipo de texto. Ao longo da conversa que tive com a professora, vamos perceber as categorias nas quais ela fala o que foi assumir aquela turma do 7º ano que resumidamente, não sabia o que era as classes de palavras.

Muitas das vezes quando nos deparamos com a palavra texto, porém menos frequentemente procuramos definir qual é o seu significado ou origem. Final, o que é um texto? Como podemos identificar um texto?

O texto seria então o resultado de uma combinação perfeita de “fios” (orações) tendo como resultado uma costura (texto propriamente dito).

Segundo Platão e Fiorin (2000), dificilmente podemos definir o que é um texto. O texto em si deve conter coerência de sentido, pois não podemos apenas disponibilizar algumas frases em conectá-las adequadamente umas às outras. Devemos também conhecer e saber utilizar os conectivos adequado estaremos interligando as orações e diminuiremos o risco de comprometer a ideia central do texto.

Quando nos referimos a gêneros e tipos textuais, geralmente ocorrem algumas dúvidas, a fim de que tenhamos mais segurança para trabalhar com texto em sala de aula. Sendo assim, são gêneros textuais: carta, receita, e mail, piada anúncio publicitário, charge, poema, bilhete, artigo científico, entre literalmente, uma infinidade de outros textos. De forma diferente, o tipo textual está relacionado à estrutura gramatical de um determinado texto. São tipos textuais: narração, descrição, argumentação, injunção e exposição.

Vale ressaltar que um gênero textual pode conter trechos com diversas características do tipo textual. A carta por exemplo, pode apresentar a descrição de um lugar, a narrativa de acontecimentos e a argumentação do ponto de vista e opinião. Os gêneros textuais funcionam como paradigmas porque nos oferecem modelos de comunicação para que esta seja eficaz, não só verbalmente como também através da produção escrita. Portanto, podemos afirmar que cada gênero textual pode conter vários tipos, ou seja, o gênero é a funcionalidade do tipo textual dentro da comunicação. Para isso, o aluno deve ser levado a produzir textos através de gêneros e, para isso ele deve não apenas ser um escritor competente, mas um leitor competente também, capaz de

criticar e reformular seu próprio texto. Afinal, tudo que comunicamos só é possível através de um gênero discursivo específico. O trabalho de produção textual com gêneros textuais auxiliará o aluno na elaboração de textos significativos.

I

• BASES TEÓRICAS

Organização e didática nos anos iniciais do ensino fundamental

A didática consiste em uma disciplina que discute o percurso de ensino de Ensino e Aprendizagem, que possibilita na reflexão sobre o papel social da escola em uma visão contextualizada e histórica. O ensino pode ser definido como um processo de comunicação com propósito bem definido, sendo intencional, que acontece por meio de ações planejadas, possibilitando a construção do conhecimento necessário à inserção social.

Considerando que o processo de ensino e aprendizagem possibilitam e refletem sobre o papel social da escola. Cabe ao professor obter o conhecimento didático que lhe orienta em sua trajetória. Mas como o professor sabe que está fazendo um bom trabalho em sala de aula? Essa é uma resposta que cabe ao próprio professor parar e pensar, refletir sobre suas ações que acontecem no seu dia a dia em sala de aula. Nesse contexto de refletir sobre o resultado obtido em sala de aula não deve apenas ficar na teoria, mas sim na prática. Porque cabe à nós professores nos avaliarmos sobre nosso desempenho quanto profissional da área, sendo que o bom educador deve estar comprometido direto ou indiretamente com as questões de cidadania. Isso implica no fato de que o professor não portar-se apenas com um mero transmissor de informações, mas deve ir além da sala de aula, mostrando a si próprio que é muito mais do que se aprende em sala de aula pode perfeitamente ser aplicada a vida cotidiana do aluno. É óbvio que para ter resultados significativos nos estudos, tudo depende da relação professor/aluno, pois só assim melhores serão as chances de ampliar os conhecimentos de cada aluno.

A Didática, como ciência pedagógica por sua vez objetiva transmitir técnicas que possibilitam o aprendizado do aluno por parte do seu instrutor. Uma prática que baseia-se nas teorias pedagógicas que analisam as formas flexíveis a serem trabalhadas em salas de aula, concretizando os métodos em situações específicas utilizando melhores formas nos casos para obter resultados positivos.

Suas técnicas de ensinamentos e/ou aprendizado dos alunos, a didática por sua vez, têm como referências, formas de ensinar, explicar e adaptar ao aluno técnica que possam melhorar suas formas no âmbito de estudos do que se propõem. Esta disciplina pedagógica concentra-se no estudo do processo de ensino e aprendizado que tem como foco a formação e desenvolvimento do aluno.

Segundo (OLIVEIRA, 1993), “esse saber didático enquanto saber de mediação, trata-se de princípios essencialmente metodológico do processo pedagógico escola-ensino, entendido à luz do estreito relacionamento entre o conteúdo e forma, no contexto de condição concreto do trabalho didático, no qual possui sua expressão nuclear na sala de aula”.

Considerando que a didática no âmbito de teoria e práxis pedagógica transformadora e que o ensino que essa compreensão orienta que, essas formas devem ser trabalhadas de forma que proporcione:

- A articulação do ensino à prática social;
- Problematização, elegendo temas atuais;
- Vínculo entre teorias e práticas pedagógicas;
- Encaminhe o Ensino para além dos métodos e técnicos.

A organização do trabalho pedagógico nessa condição, exige uma reflexão sobre o sentido da educação. É obvio, que para um bom educador, não basta apenas ter seu conhecimento diplomático, mas cabe à ele seguir o caminho no qual seu percurso que se dá não apenas de teorias no ambiente acadêmico, mas da prática e convivência no contexto real em que se encontra seu futuro local de atuação – “a escola”. Vale ressaltar que, não é só frequentando uma licenciatura que o “professor” se torna um profissional, mas sobretudo, pelo seu comprometimento profundo como construtor de práticas. (FÁVERO, 1992), “A sala de aula é por excelência um espaço plural, coletivo, o palco nos quais os profissionais, professor/aluno/atores/sujeitos vivem, aprendem, ensinam e relacionam-se uns com os outros, com mundo, com saberes”. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas, (FONSECA, Selva Guimarães).

A nível de sociedade, quando se fala em educação, parece haver grande preocupação no sentido de levar o indivíduo a se comportar de uma forma ou de outra, onde todos deveriam se enquadrar de uma forma onde nenhuma sociedade suporta por

muito tempo uma situação de desordem generalizada. A verdade é que a educação deveria levar uma relativização progressiva dos mecanismos coercitivos. A verdade, as chamadas nações desenvolvidas, são aquelas nas quais as leis são aplicadas com vigor. Do que se refere as licenciaturas, quero ressaltar que a de a de letras, com habilitação em língua portuguesa, observa-se que na realidade o ensino nas escolas públicas, tem se tornado o lugar onde os profissionais colocam em prática seu conhecimento adquirido ao longo de sua formação, encarregados de conduzir esta disciplina que compõem 100 % dos currículos escolares na construção do aluno leitor.

Ao longo dos estágios de observação e regências nas turmas do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino, tive o conhecimento do quanto são as dificuldades que os professores enfrentam em trabalhar com seus alunos. Com base nesses estágios em que observei, quero chamar atenção para as metodologias aplicadas em sala de aulas. Penso eu que a didáticas devem ser inovadas para se trabalhar com crianças e adolescentes, só assim terá um resultado positivo para com seu trabalho desenvolvido e sala de aula. Quanto mais inovar a forma de ensinar, melhor será conhecimento, para não ficarmos somente nos métodos anteriores de ensino. Não podemos pisar nas antigas formas de ensino, temos que adaptar o velho junto ao novo, uma vez que não teremos como fugir da forma tradicional de ensinar, mas com o passar do tempo temos que ir colocando novas ideias em mente, ideias que facilite o ensino e transforme os alunos para melhor enfrentar as dificuldades impostas no mundo fora da escola.

“A visão de que tudo o que comunicamos só é possível através de gêneros que reflete nas orientações contidas nos PCN’s de língua Portuguesa, estrangeiras, nos quais preconizam que o trabalho na sala de aula de língua deva ser baseado nos gêneros, sejam eles orais ou escritos, (BAKHTIN, [1979], 2000),

É importante saber que o Ensino de Língua Portuguesa, desde sempre é questionada acerca da necessidade de melhorias ou no ensino público em todo o país. As dificuldades enfrentadas nas escolas entre o 1º e 6º ano do ensino fundamental é constante pelo fato de a alfabetização ser cada vez mais desfavorável. Apesar de o ensino da língua ser baseada nos PCN’s e, se dividir em duas fases, por isso depende

muito cada professor entender a importância dessas fases na educação de seus alunos. Se não ser entendida, se torna difícil de trabalhar, pois as dificuldades ficam mais frequentes em ensinar um conteúdo em que os alunos possam aprender a ler e a escrever. Tornando assim uma questão não apenas de ensinar descontextualizado em sala de aula, mas no contexto geral e social em que o aluno está inserido. Por isso, há uma perspectiva para uma mudança na visão de Antunes, após uma breve observação sobre os parâmetros em que se baseia.

Segundo os PCN's de Língua Portuguesa, que se dividem em duas fases, na qual a primeira se inicia com a apresentação da área de Língua Portuguesa, na qual discute-se a natureza da linguagem, ou seja, relaciona os textos oral-escritos/gramática, considerando que a interdisciplinaridade para que o aluno considere a língua uma visão ampla, relacionado a disciplina com temas tais como: Ética, Saúde, Cultura, meio Ambiente, destacando que texto pode ser visto como unidade de ensino diversificando os gêneros na escola. Já a segunda fase é um pouco mais específica, na qual trata-se da língua como terceiro e quarto ciclo, onde os conteúdos passam da teoria para a prática da escuta e da produção oral/escrita, literários e análises linguísticas.

Se os PCN's defendem um ensino amplo, cabe aos professores impor suas habilidades e criatividade, ou seja, trabalhara didática da qual tanto teorizam e poucos praticam, sendo que a realidade e os temas sociais sejam vistos de maneiras em que se produzam textos visando que o aluno se torne crítico, ajudando e facilitando na compreensão da língua, produzindo textos próprios, analisando linguisticamente textual e contextualizando, objetivando sempre o oral e a escrita no ensino.

“ no ensino ainda prevalece a perspectiva pedagógica voltada para o ensino da palavra/frase descontextualizada, onde o professor deixa de lado a leitura e a oralidade, (ANTUNES, 2003),

De acordo com a autora, a maneira de como a oralidade, a escrita, a leitura e a gramáticas são trabalhados, acabam deixando os princípios teóricos capazes de deixar o ensino da língua mais eficiente. Com base na visão de Antunes, podemos observar algumas ideias que serve como apoio para que seja desenvolvido um bom trabalho em sala de aula. Tendo em vista que estes eixos segundo a autora, são trabalhados de

formas descontextualizado em sala de aula, nos anos iniciais do ensino fundamental, são eles: A Oralidade, a Escrita, a Leitura e por sua vez, a Gramática.

1.2. A Oralidade – objetiva trabalhar a fala do aluno, para que tenha uma boa fala e uma boa forma de se expressar. Alunos observados por mim, no 7º ano, como citado acima, nos estágios de observação e regência, alunos com medo e vergonha imensa de ler textos na frente para turma. O que podemos fazer para mudar esse cenário no que se refere a oralidade? É comum encontrar professores que não valorizam a prática de leitura em sala de aula. Essa necessidade reflete no abandono de cada aluno não ter o prazer de ler textos diversos em sala de aula. Resultando no baixo índice de interpretação quando é necessário que os alunos pratiquem essa atividade. Quando o aluno não tem o hábito de leitura, logo o aluno não terá uma fala desenvolvida, e terá uma difícil comunicação quando o professor o chama para fazer a leitura de um texto.

É baseado na antiga forma de ensinar que deixamos muitas vezes de trabalhar uma forma mais flexível para que o aluno tenha gosto e prazer para estudar. Assim, o aluno acaba deixando de lado seus estudos, causando uma evasão na escola e causando um baixo índice de aprovação. Para (ANTUNES, 2003), os professores não trabalham a fala em sala de aula, por isso, dificilmente teremos alunos que se expressem bem ao ler um texto em sala de aula. Dessa forma, os professores colocam-se como ponte para os equívocos no que diz respeito a gramática, demonstrando assim uma visão equivocada por parte destes profissionais, acreditam que todo erro acontece na *fala*. Acrescenta que é necessário fazer com que os alunos compreendam que não é apenas o falar, mas também o ouvir, entender o que o outro está falando, desenvolvendo uma interação e defende que é importante trabalhar a interação entre os alunos, por que se não haver interação não haverá ouvinte.

1.3. Escrita – Se no eixo oralidade o aluno está inseguro para leitura, logo essa insegurança se inclui na escrita. No que se refere a escrita, também um dos eixos principais de ensino e aprendizagem o aluno do 7º ano ao fazer um ditado de palavra, ainda troca uma letra pela outra, como por exemplo, o T pelo D, o N pelo M, dentre outras ocasiões. O que mais chamou atenção nos estágios tanto de observação quanto de regência, a falta de uma escrita onde podemos entender as palavras e seus significados, a estrutura de um texto, sua ortografia correta. O que devemos fazer para mudar esse ou melhorar esse campo de importante da Língua Portuguesa?

Irandé (2003) ressalta ainda que os trabalhos com a escrita em sala de aula, muitas vezes ou quase sempre, acontecem de maneiras descontextualizadas, sem planejar, no improviso e sem estimular os alunos. Alguns professores solicitam textos escritos com objetivo de avaliar apenas a pontuação ou ortografia e quando corrige nem sempre devolve. A linguística apresenta esse aspecto negativo no ensino, pois as atividades que apenas solicitam esse tipo de escrita não motivam o aluno a escrever, isso quando a escrita é trabalhada, pois muitas das vezes é solicitado ao aluno apenas as criações de frases para fixar o conteúdo dado.

Ela defende que o professor deve explicar ao aluno o objetivo da escrita e para quem ele escreve, como ele deve escrever, e especialmente, sobre o que ele deve escrever, tendo consciência de que a escrita não é algo fácil para alguns alunos, pois nem todos conseguem passar as ideias para o papel. Desta forma, a prática da escrita deve ser trabalhada de forma contextualizada, em que o aluno sempre terá um leitor/destinatário e deverá passar por etapas como: planejamento, escrita e revisão, levando em conta o tema, objetivo, gênero e o tempo que muitas vezes é escasso.

1.4. Leitura – Neste campo vasto de informações, requer de cada aluno a atenção, concentração e afinidade para ter bons resultados. Por isso ela é uma das leis que resolve muitos problemas “*A lei + tura*”. Por isso, a autora discorre observações em relação a leitura, que não é muito trabalhada em sala de aula, pois, os professores acreditam que a leitura irá atrapalhar o andamento de suas aulas, ou seja, se for trabalhar a leitura de livros em sala, acaba que não que não sobra tempo para trabalhar a gramática, e a gramática deve ser privilegiada, segundo o pensamento de alguns profissionais. Outro equívoco é a leitura obrigatória, que torna raro o gosto pela leitura nas aulas de estudo da língua.

A leitura deve ser prazerosa e é por isso que existem os textos literários, como: romance, contos, poemas, etc. Os textos não devem ser trabalhados como o único objetivo de análise sintática e ortográfica, pois isso anula a função poética do texto e pode ajudar na dificuldade que os alunos encontram na hora de produzir textos, no pouco contato que eles possuem com o textos literário e a falta de aprofundamento

destes textos, no que diz respeito ao lado semântico, a interpretação e sentido, (ANTUNES, 2003)

A leitura deve ser trabalhada em sala de aula em sua amplitude geral, estudando sim a gramática dentro dos vários gêneros que devem ser apresentados, mas não ficando apenas nisso, é necessário trabalhar a interpretação dos textos, levando em conta os textos em que os alunos se identifiquem para tornar a leitura prazerosa, gostosa e incentivar o gosto pela leitura.

1.5. Atividade de Gramática- Não há o que desfazer deste conteúdo de ensino, mas como adapta-lo em uma prática mais prazerosa, tornando assim um ensino moderno, onde a aula de gramática possa ser vista com melhores visões. É também, nas séries iniciais do ensino fundamental que os alunos fogem das aulas de Língua Portuguesa, para que não possam ser torturados por este conteúdo. O Ensino da gramática, atualmente, é trabalhado de maneira descontextualizada e fragmentada, carregada de nomenclaturas e pura prescrição, distanciando o ensino da realidade do aluno, fazendo com que o ensino da Língua Portuguesa perca o sentido para eles, ao perceberem que o conteúdo gramatical apresentado, cheio de regras, foge do conteúdo utilizado por eles no dia a dia, tanto na escrita quanto na oralidade. E essa falta de sentido, faz com que os alunos deixem de gostar das aulas de língua portuguesa, por culpa de um ensino equivocado. Sobre estas observações, a autora irá apresentar sugestões para uma nova maneira de ensinar a língua, fazendo reflexões sobre o ensino: Partindo do princípio de que não existe língua sem gramática, pois é, todos os falantes usam as regras de suas próprias línguas, pois esta é integralizada, porém a diferença é que as pessoas não se preocupam com a nomenclatura, apenas fazem o uso da língua. E a escola entra com a parte de ensinar a gramática, só que este ensino acaba sendo errôneo, por acreditar que ensinar nomenclatura é ensinar gramática. Para a autora a questão é que deve ser ensinado como se usa a língua, em seus variados gêneros textuais orais e escritos.

De certa forma, o professor deve ensinar a regra para a produção de leitura, de resumos, resenhas, entrevistas, entre outras, para aumentar e aperfeiçoar seu empenho comunicativo. Ensina a produzir e interpretar diferentes gêneros de textos o que será obtido com a leitura e a produção destes gêneros, este seria um ensino de gramática mais eficaz deixando claro a importância de explicar aos alunos que a norma padrão é uso social, porém não é a única norma correta.

Ao longo dos estágios de observação e regência, nos níveis fundamental e médio e experiência como facilitador do Programa Novo Mais Educação, pude perceber que as dificuldades existente no ensino fundamental. Mas não basta o professor programar sua aula se ele não tiver como apoio uma sequência didática que o oriente em seu trabalho.

A construção de modelos didáticos de gêneros dessas características a partir de um conjunto de textos intuitivamente classificados em gêneros diferentes, levantando suas características e construindo “modelos” que os caracterizariam. A comparação de diferentes modelos poderia nos fornecer pistas para encontrarmos semelhanças e/ou diferenças que podemos não perceber de início, o que nos levaria a reformular os “modelos de gêneros” ou os “gêneros teóricos” inicialmente construídos. Nessa mesma linha de raciocínio, em relação ao ensino de gêneros, seria necessário construirmos materiais didáticos adequados, que propiciassem a transposição didática dos conhecimentos científicos sobre os gêneros para o nível dos conhecimentos a serem efetivamente ensinados, de acordo com o nível das capacidades dos alunos, isto é, que efetivássemos uma transposição didática adequada, cujos problemas abordaremos a seguir, apontando uma possível via para sua superação.

O leitor, diante de um texto que tem a cara de uma historinha, por exemplo, que começa dizendo: “Tudo aconteceu no tempo em que os bichos falavam” tem seu trabalho interpretativo já iniciado, pois dispõe de elemento que o ajudam a restringir as imensas possibilidades de sentido para esse texto. Já pode saber que se trata de uma narração fictícia e que tudo deve ser entendido dentro desses limites. As marcas formais da coesão também fornecem indicações para o estabelecimento local do contexto de interpretação. Ou seja, por essas marcas são dados sinais para que o destinatário da interação não construa um contexto mais amplo do que é necessário. Em síntese, no âmbito do texto, os elementos linguísticos representam escolhas de quem fala ou escreve, formas de sinalizar, de maneira interpretável, sentidos e intenções. Por outro lado, essas escolhas servirão de pistas de marcas que hão de conduzir os passos do ouvinte ou do leitor no processo de apreensão desses sentidos e intenções. Trata-se, portanto, de um jogo de interações, um de cá, outro de lá – mediados pelos sinais linguísticos, os quais são necessários, mas não suficientes.

Cabe aos professores entender o motivo pelo qual isso ocorre em sala de aula, e saber o porquê há o desinteresse por parte dos alunos não se adaptar ao modo em que o

professor desenvolve suas atividades em sala de aula. Uma das coisas importante que eu observei na fala e nas aulas que participei junto a professora por alguns dias, pude concluir que a melhor forma de se trabalhar e fazer com que facilite o aprendizado dos alunos, o professor deve observar seus pares e procurar melhorar sua didática em sala de aula. Para inovar sua forma de ensinar, é fazer com que o aluno desenvolva seu aprendizado, de uma forma clara e objetiva, transformando-os em cidadãos fácieis de se trabalhar a forma de interpretar o que leem. Vale ressaltar uma das atividades proposta pela professora feita pela mesma de deixar com que os alunos criem seu próprio texto, abordando temas diversos proposto por ela. Ou seja, mas de certa forma, fazendo intervenções sempre que necessário. Segundo Antunes, teria sentido ainda que o professor ajudasse o aluno a descobrir o teor da linguagem, a qual somente existe no encontro, na troca, no engajamento da pergunta-resposta. Em um texto, nada é dito gratuitamente; tudo é, em certa medida, uma meia-palavra, ou uma palavra-metade que se vai completar com outra metade da palavra do outro. Cabe ao professor explicitar esses princípios, não se deve esperar que o aluno descubra sozinho. É fundamental, em cada exercício de linguagem, prever para quem se vai falar ou escrever. Redação escritas “para ninguém”, numa mutilação ostensiva do outro sujeito que integra a atividade comunicativa, só podem resultar no desinteresse e na ineficácia de que somos testemunhas, na maioria desses casos. No capítulo seguinte veremos como a professora em que conversei e transcrevi sua fala sobre algumas categorias que veremos também adiante, vamos observar como ela coloca suas ideias referentes ao ensino de língua no ensino fundamental.

Como abordado anterior, este é um dos momentos em que temos que pensar e repensar sobre essa esta forma de trabalhar os conteúdos que não seja cansativo para o aluno, quero ressaltar que a forma de se trabalhar usada pela professora com a turma do 7º ano, se dava de forma diversa, mais precisamente através da roda de conversa. Essa foi uma das melhores formas de trabalhar esse gênero em sala de aula, pelo fato de o aluno se sentir valorizado pela turma toda, uma vez que cada um tem seu momento de expor a classe sua ideia em relação aos temas discutidos. Percebe-se que um texto não se constitui apenas de elementos gramaticais e lexicais, mas que um texto é um traçado de envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual.

Os resultados de nossas aulas de língua não tenham convencidos a sociedade de que o professor de línguas – sobretudo o professor de língua materna – é figura muito significativa para elevação dos padrões de desenvolvimento da sociedade. As grandes desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira, tem um grande reforço na escola que não alfabetiza, na escola que não forma leitores críticos, na escola que não desenvolve o poder de argumentar oralmente e por escrita, de criar, de colher, de analisar e relacionar dados, de expressar, em prosa e verso, os sentidos culturais em circulação”.

. *Narrativo*: são aqueles que apresentam as notícias, fábulas, contos, romances crônicas, etc. Ao mesmo tempo, ela enfatiza que em um mesmo texto pode conter sequencias narrativas e descritivas, ou expositivas e descritivas. Assim como ela trata dos tipos de textos, ela também chama atenção para os gêneros que aparecem ao longo dos conteúdos a se trabalhar, como são os casos dos Contos, Cartas, Crônicas, Poemas, Atas, Editorias, Artigos, Notas de esclarecimentos Editais, etc. Vale lembrar que na verdade o que temos são textos em classes de gêneros. Exemplo: dentro do gênero carta, temos diferentes perfis, conforme diferentes propósitos, como: carta de apresentação, de convite, de cobrança, de solicitação, de agradecimento, congratulações dentre outros.

É obvio, que para um bom educador, não basta apenas ter seu conhecimento acadêmico, mas cabe a ele seguir o caminho no qual seu percurso que se dá não apenas de teorias no ambiente acadêmico, mas da pratica e convivência no contexto real em que se encontra seu futuro local de atuação – “a escola”. Vale ressaltar que, não é só frequentando uma licenciatura que o “professor” se torna um profissional, mas sobretudo, pelo seu comprometimento profundo como construtor de práticas.

Ao longo dos estágios de observação e regências nas turmas do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino, tive o conhecimento do quanto são as dificuldades que os professores enfrentam em trabalhar com seus alunos. Com base nesses estágios em que observei, quero chamar atenção para as metodologias aplicadas em sala de aulas. Penso eu que a didáticas devem ser inovadas para se trabalhar com crianças e adolescentes, só assim terá um resultado positivo para com seu trabalho desenvolvido e sala de aula. Quanto mais inovar a forma de ensinar, melhor será conhecimento, para não ficarmos somente nos métodos anteriores de ensino. Não podemos pisar nas antigas formas de ensino, temos que adaptar o velho junto ao novo, uma vez que não teremos como fugir da forma tradicional de ensinar, mas com o passar

do tempo temos que ir colocando novas ideias em mente, ideias estas que facilite o ensino e transforme os alunos para melhor enfrentar as dificuldades impostas no mundo fora da escola.

Conforme os PCN's de Língua Portuguesa, em que são divididos em duas fases, detalhamos essas fases onde a primeira se inicia com a apresentação da área de Língua Portuguesa, na qual discute-se a natureza da linguagem, ou seja, relaciona os textos oral-escritos/gramática, considerando que a interdisciplinaridade para que o aluno considere a língua uma visão ampla, relacionado a disciplina com temas tais como: Ética, Saúde, Cultura, meio Ambiente, destacando que texto pode ser visto como unidade de ensino diversificando os gêneros na escola. Já a segunda fase é um pouco mais específica, na qual trata-se da língua como terceiro e quarto ciclo, onde os conteúdos passam da teoria para a prática da escuta e da produção oral/escrita, literários e análises linguísticas.

Se os PCN's defendem um ensino amplo, cabe aos professores impor suas habilidades e criatividade, ou seja, trabalhara didática da qual tanto teorizam e poucos praticam, sendo que a realidade e os temas sociais sejam vistos de maneiras em que se produzam textos visando que o aluno se torne crítico, ajudando e facilitando na compreensão da língua, produzindo textos próprios, analisando linguisticamente textual e contextualizando, objetivando sempre o oral e a escrita no ensino.

É óbvio perceber que o ensino das palavras e frases para alunos ainda se aplica de forma descontextualizada. Para que possa mudar essa forma de ensinar, temos que procurar entender as dificuldades de cada aluno no que se refere aos anos iniciais do ensino fundamental.

De todos esses aspectos, surgem problemas sérios para a transposição didática: Por exemplo, como desenvolver atividades de reflexão gramaticais úteis e adequadas para a produção textual, sem efetuar uma separação dos conhecimentos gramaticais dos textuais ou discursivos? O que temos observado, nas diferentes reformas levadas a cabo, é que aqueles especializados em ensino de línguas têm sido obrigados, no primeiro nível da transposição, a se servirem de elementos provenientes de diferentes teorias ou de diferentes subáreas, tentando construir um mínimo de coerência no próprio campo didático, que, infelizmente, nem sempre pode ser atingida.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Fundamental (PCN), pode se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como prática pedagógica, resultantes da articulação de três variáveis:

- O aluno;
- Os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem;
- A mediação do professor.

O primeiro elemento desta tríade – o aluno – é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O Segundo elemento – o objeto de conhecimento - são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Mas do que se articularem, os elementos dessa tríade aluno – conhecimento – mediação do professor dialogam e se confrontam num movimento contínuo. Para compreendermos melhor essas relações, é necessária entendemos a natureza do homem, do conhecimento e da linguagem. A construção do conhecimento que acontece nas relações sociais só é possível porque mediada por meio técnico e semióticos- também criados socialmente - que são os signos, construídos como linguagem.

Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressa e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. (BRASIL/MEC/SEB, 1998: 22).

Assim sendo, se o conhecimento se constrói nas relações sociais, os alunos, como sujeitos da ação de aprender, que agem como e sobre o objeto de conhecimento, o fazem nas trocas verbais, nas interações de sala de aula, seja com seu professor, seja, ainda, com os diferentes textos dos diferentes autores que leem. Portanto, é a qualidade dessas trocas verbais em sala de aula que possibilitará aos alunos a aprendizagem de novos conhecimentos.

Desse modo, ao professor como sujeito da ação de ensinar, cabe planejar como se darão essas trocas. Para tanto, é necessário que, de um lado ele tenha o domínio do conhecimento sobre o objeto de ensino – no nosso caso, os saberes da língua portuguesa - e, de outro lado, o conhecimento didático que lhe possibilitará planejar a transposição

desses saberes, traduzida em situações didáticas que favoreçam aos alunos o contato com os novos conhecimentos, de modo a antecipar as situações de conflito e preparar – se para mediá-las, visando à potencialização da aprendizagem.

Sob a perspectiva das concepções de homem, conhecimento e linguagem aqui apresentadas, pensar o ensino e a aprendizagem de língua materna é planejar situações didáticas em que os alunos façam uso da língua nas mais diferentes situações comunicativas e analisem esses usos (que estão em constante modificação) visando à aprendizagem das diferentes práticas sociais da leitura e da escrita que favoreçam a formação de um sujeito para os múltiplos letramentos.

É essa a dinâmica das relações dos elementos que compõem a tríade aluno-conhecimento-mediação do professor no ensino da língua portuguesa.

II

1.6. LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

É necessário que o professor, tenha o conhecimento e as habilidades para que possa desenvolver suas atividades de produção textual. Quanto professor, temos que conhecer e saber criar formas diferentes para ensinar ao aluno de como seria uma maneira mais flexível para aprender ler e escrever. Para isso é necessário sabermos que:

Letramento é o que as pessoas fazem com habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. (Soares, 1998:72).

A Lei de Diretrizes de Bases (LDB) e os PCN's, reafirmam o consenso de que a principal função da escola é a formação de um cidadão crítico, ético, livre e participativo, em uma sociedade mais justa. Para tanto, porém, é preciso que se garantam espaços educativos nos quais os alunos possam livremente questionar, pensar, assumir e criticar valores, normas e direitos.

Nesse sentido, cabe ao ensino de Língua Portuguesa possibilitar aos alunos que desenvolva uma postura crítica diante dos fatos, das interações, portanto, dos textos para que o indivíduo possa ganhar autonomia, valorizar sua própria cultura e pôr em prática o verdadeiro sentido de liberdade e democracia, valores tão caros à cidadania.

Para favorecer o desenvolvimento de tal postura diante dos textos que circulam em uma sociedade heterogênea e complexa como a nossa, as atividades didáticas devem explorar não só os textos que se apresentam em variados suportes ou em diferentes esferas de circulação dominante e “global” (livros, jornais, revistas, sites institucionais da internet, cinema, publicidade), mas também aqueles de circulação mais restrita, “locais”(rap, blog, chats na internet) sempre levando em conta as diferentes linguagem que os compõem (verbal, não verbal, escrita, oral ou multimodal).

Nas atividades de língua portuguesa, é preciso considerar as diferentes práticas de letramento, isto é, as diferentes formas de interagir com a escrita em práticas sociais e de acordo com o contexto em que a linguagem é utilizada (família, igreja, escola, sindicato, etc.). Se para cada prática social há um tipo de letramento, ou seja, formas específicas de fazer uso da linguagem, podemos então afirmar que, mais do que apenas

um tipo de letramento, há letramentos (assim mesmo, no plural) ou letramentos múltiplos; e o letramento escolar é apenas um deles.

Havendo um letramento que é específico da situação escolar (que envolve, por exemplo, leitura de textos expositivos em livros didáticos ou apostila, redação de textos que não são divulgados a ninguém, a não ser ao professor, ou de respostas em provas, etc.) e outros que encontram lugar fora da escola, ocorre que nem sempre o primeiro encontra utilidade ou pelo menos acomodação fora do espaço escolar.

Segundo Soares (1998:58), despertar para o fenômeno do letramento e incorporá-lo ao nosso vocabulário educacional significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar indivíduo – criança e adultos- a fazer o uso da leitura e da escrita, envolve-se em prática sociais de leitura e de escrita.

Portanto, é importante que a escola, além de trabalhar com as formas tradicionais de letramento escolar, aceite em seu seio outras formas, outros “letramentos”, abarcando em suas aulas novos conteúdos que propiciem não só a inclusão de crianças das mais diversas origens socioculturais, mas também a plena formação de um cidadão que valoriza as práticas letradas da sua comunidade e ao mesmo tempo é capaz de interagir com a linguagem nas mais diversas situações sociais.

- Letramento e Oralidade

Quando se fala em letramento, é comum que se pense apenas em textos escritos. No entanto, para as recentes teorias de letramento, a distinção entre oralidade e escrita é bastante relativizada.

Se, por um lado, encontramos afirmações que a escrita pressupõe mais planejamento que a fala, por outro, uma observação mais atenta demonstra que há eventos falados mais planejados do que alguns escritos. De fato, há gêneros mais cotidianos, que circulam em esfera mais familiares e, por tanto, requerem uma linguagem mais informal, menos planejadas. Contudo, há também gêneros, tanto escritos quanto orais, típicos de situações mais formais e que exigem mais cuidado e planejamento por parte do locutor. Assim, apesar de apresentarem uma forma de exteriorização oral, muitos gêneros presentes em situações mais formais não são mais “simples” do que

qualquer forma de escrita nem menos importantes para a construção da cidadania. É o caso, por exemplos dos gêneros orais formais e públicos, como os debates, as palestras, os seminários, as entrevistas de empregos, entre outros.

Na realidade, nem sempre é possível isolar um tipo de linguagem do outro. Na palestra, por exemplo, apesar de estar falando, o palestrante normalmente tem como base um texto pré-preparado para apoiar a sua fala. O mesmo acontece nos telejornais ou no teatro, que contam com um roteiro escrito a ser seguido, ou seja, nessas situações, apesar de orais, esses gêneros estão sempre intrinsecamente ligados à linguagem escrita que, em geral, lhes serve de apoio. Tomando tais observações como pressupostos, o conceito de letramento adotado por esta, a questão da aprendizagem da linguagem escrita. Nessa perspectiva, letramento é qualquer atividade que envolve o uso de texto, seja ele escrito ou oral.

Várias são as consequências de não considerarmos a linguagem oral ou escrita como modalidade opostas. Nas atividades por exemplo, não há uma seção exclusiva para abordar gêneros orais, mas existem propostas de produção de textos orais que pressupõem a leitura e a elaboração de textos escritos que lhes servem de apoio.

- **PROCEDIMENTO DE LEITURA**

Socialmente, costumamos ter objetivos claros para ler este ou aquele texto (por prazer estético, para obter uma informação, para aprender, para seguir instruções, para revisar texto produzido, etc.). Ler um texto sem objetivo é como se lançar ao mar sem uma bússola: fica muito mais difícil encontrar o caminho que nos leva à compreensão do que está escrito.

De acordo com os objetivos ou finalidades da leitura, há diversos procedimentos que podem ser adotadas para tornar o processo de leitura mais produtivo. Ter clareza sobre os objetivos da leitura nos auxilia a escolher estratégia mais adequadas para alcançá-los: Por exemplo, se nosso objetivo é selecionar textos sobre determinado assunto para depois poder escrever (uma reportagem, um artigo de opinião, entre outros, etc.) ou fazer uma apresentação oral sobre ele, nossa leitura será primeiramente inspeccional: leremos o título, o subtítulo, os textos de apresentação, ou apenas os primeiros parágrafos; observaremos o índice, as imagens ilustrativas, etc. Tendo escolhido o texto que nos interessa para nosso objetivo, passamos a uma leitura mais intensiva (também usada quando lemos para estudar), durante a qual podemos utilizar

procedimentos como: sublinhar palavras-chave e trechos significativos, fazer anotações à margem do texto, elaborar resumos ou esquemas que, por exemplo, depois também poderão servir de apoio à nossa fala num debate.

- AS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Cedo ou tarde, o que foi ouvido [ou lido] e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. (Bakhtin, 1952-1953/1979:291). A razão de ser das propostas de leitura e escuta é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio; a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção. (BRASIL/MEC/SEB.1998:19). Como já vimos, a formação de um cidadão crítico e participativo, passa tanto pelo ensino da leitura quanto pela produção de textos oral ou escrito. Assim, o objetivo da escola é a formação para a participação social, não faz sentido pedir aos alunos a produção de textos que circulam apenas na esfera escolar e que provavelmente não o prepararão para atuar fora da escola.

Da mesma forma como a leitura, a produção de textos escritos ou orais é uma prática social, já que em diversas situações de nossas vidas produzimos textos dos mais diversos gêneros, com diferentes finalidades, para diferentes interlocutores e previsto para circular em diferentes espaços sociais. Como se trata de uma prática social, para produzir textos eficazes é necessário considerar as características do contexto em que são produzidos. São eles que determinam que nossas escolhas em relação a o que e como dizer. Se a finalidade de nosso texto é mostrar insatisfação com algum serviço comercial que nos foi prestado, escolhemos o gênero carta de reclamação e o endereçamos ao sistema de atendimento ao consumidor (nosso interlocutor), relatando o ocorrido o que quer dizer), usando uma linguagem formal e a forma característica do gênero (como dizer). Portanto, é a finalidade comunicativa e a situação de interlocução que determinam a escolha do gênero e, conseqüentemente, da forma como a expressaremos o que desejemos. Se, para garantir a eficácia do discurso, é fundamental que o interlocutor esteja atento ao contexto da interlocução e, ao mesmo tempo, tenha suficiente conhecimento sobre o gênero escolhido, esses aspectos devem ser abordados nas atividades de ensino.

- DAS OBSERVAÇÕES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

- Com base nos relatos de uma professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental, sendo que a mesma trabalha na zona urbana. Primeiro apresento a conversa com a professora da zona urbana que também é professora na universidade particular. Em seguida, farei um breve comentário em que coloco minhas ideias que observei ao longo dos estudos, teórico e prático. Assim concluirei este trabalho com as minhas considerações finais sobre o mesmo. Esta é uma transcrição da conversa que eu tive com a professora, Marcia Ximenes. Licenciada em Língua portuguesa, pela Universidade Luterana do Brasil, com especialização em comunicação em jornalismo. Apresentarei em dois momentos, os relatos da professora, sendo que no primeiro, apresento as categorias da conversa e em segundo momento, a transcrição e análise de sua fala:

- Se todo texto depende de uma resposta, gera novos discursos, novo textos. Para tanto, é necessário que seja desenvolvido capacidades de apreciação e réplica que os evoluem. Recuperar o contexto de produção do texto e relacioná-lo ao que está escrito; ter claras as finalidades e metas das atividades de leitura; observar as relações de intertextualidade e de interdiscursividade; perceber outras linguagens como elementos constitutivo dos textos; elaborar apreciação estéticas/ou afetivas e, finalmente, elaborar apreciações relativas a valor éticos ou políticos. Se todo texto suscita uma resposta, afirma que:

- Segundo Bakhtin (1929), todo texto suscita uma resposta, gera novos discursos, novos textos. Se os PCNs, sugerem que os objetivos é formar cidadãos críticos e participativos, além de decodificar e compreender textos é necessário que cada leitor responda e tome uma posição em relação ao que lê. Há uma contra partida da BNCC que define um conjunto de aprendizagem essenciais que todo aluno deve desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

- Não podemos afirmar que a BNCC é um currículo, mas podemos dizer que ela faz parte dele, cuja finalidade é orientar a construção dos referenciais curriculares e dos projetos político pedagógico das escolas, na medida em se estabeleça as competências e habilidades que serão desenvolvidas pelos alunos ano a ano. "De maneira simples, é possível afirmar que, a Base indica o ponto onde se quer chegar. O currículo traça o caminho até lá" (BNCC, 2017). Vale ressaltar que dessa forma, preserva-se a autonomia de dada rede de ensino para

adequar os currículos, respeitando a diversidade e as particularidades de cada texto educacional, o que vale considerar que ela é fundamental em bases legais, presentes na Constituição Federal, de 1988 na LDB, de 1996, e nos fundamentos teóricos -metodológicos presentes nos DCN's, nos PCN's e no PNE.

- Isso significa que a Base não exclui tais documentos oficiais, mas dialoga com eles consolidando uma necessidade historicamente situada, que é o estabelecimento e a organização progressiva das aprendizagens essenciais de toda a Educação Básica. A ideia é unificar os conteúdos básicos que correspondem ao currículo mínimo da escola sem perder de vista os ensinamentos e tradições da região.

TEORIAS DE LEITURA E LETRAMENTO

- O que dizer que no início da segunda metade do século passado, ler era visto - de maneira simplista - apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escritas) em fonemas (fala), para acessar o significado da linguagem do texto. Nessa perspectiva, aprender a ler encontrava-se altamente equacionado à alfabetização. ou seja, alfabetizar-se, conhecer o alfabeto, envolvia discriminação perceptual (visão) e memórias dos grafemas (letras, símbolos, sinais), que devia ser associada, também na memória, a outra percepção (auditiva) dos sons e da fala. Além dos conhecimentos a respeito dos gêneros e das implicações do contexto de interlocução na produção dos textos, escrever pressupõe procedimentos de planejamento, revisão e reescrita.
- O planejamento envolve as escolhas sobre o que será escrito em função das características do contexto de produção. A revisão do que foi escrito deve acontecer tanto durante o processo da escrita quanto depois de o texto ser dado como acabado. A reescrita deve acompanhar todo o processo de revisão, o que significa que escrever implica várias reescritas. É importante que: Na revisão e reescrita de um texto, conhecimento linguístico de várias naturezas envolvido no ato de produzir textos devem ser tomados como critérios:
 - a) discursivos (relacionados não só as características do contexto de produção especificado, mas também ao gênero no qual o texto será organizado);
 - b) textuais (relacionado à linearidade, progressão e articulação do texto em si, o que por sua vez envolve aspectos relativos à sintaxe, pontuação, coesão e coerência);

- c) gramaticais e notacionais (relacionados às normas da variedade em uso e ao sistema de escrita).
- Articular todos esses procedimentos e conhecimentos durante o processo de escrita é uma capacidade que também precisa ser constituída, conforme afirma Irandé Antunes (2003: 45), " Se faltam as ideias, se faltam a informação, vão faltar palavras".

- **METODOLOGIA DO PROFESSOR**

Este trabalho tem como objetivo metodológico, apresentar questões que rondam o dia a dia na escola, os dados a serem apresentados em seguida, foram coletados através de uma conversa que tive com a professora do 7º ano de Língua Portuguesa da escola da rede pública de ensino. O método de um professor tem como objetivo garantir a máxima autonomia sobre o aluno no processo de aprendizado. Nesse contexto, o professor e pais se tornam meros facilitadores do conhecimento, proporcionando os meios pelos quais os alunos escolhem temas a serem estudados e interesses que devem ser pesquisados.

Uma das principais dificuldades dos professores se trata de escolher qual seria o melhor método de ensino para utilizar em sala de aula. Isso ocorre quando um determinado método funciona melhor para alguns alunos e para outros não. Além disso, há aqueles professores que adotam determinada metodologia e que têm complicações para ser flexível.

O estilo tradicional – é a mais disseminada em sala de aula, por que consiste basicamente focada na imagem do professor em relação vertical de exposição do conhecimento em cobrança de conteúdo. Além das aulas expositivas, há provas, pressão por resultados mensuráveis, bem como reprovações de alunos cujos desempenho mostra-se insatisfatórios.

Já o método de ensino construtivo, se coloca ao contrário da metodologia mais tradicional, por que este coloca o aluno no centro do processo de aprendizado, desempenhando um papel ativo ao buscar conhecimento na medida em que interesses e questionamentos surgem. Nesse caso, cada estudantes tem seu próprio tempo de aprendizado e o currículo é extremamente flexível, contando com a participação dos alunos inclusive em sua estruturação. Os alunos são imersos em situações bastante

próximo da realidade com o objetivo de fazer questionamentos, argumentar, chegar a conclusões por conta própria e encontrar as devidas soluções para os problemas. Esse método pode ser uma porta aberta para aqueles que possuem dificuldades para implantar a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) em sala de aula. Pois essa base prevê que os alunos tenham a capacidade de aplicar o que é ensinado na prática que o ensino construtivo propõe.

As classes são mistas em relação a faixa etária, já que alunos de diferentes idades podem ter interesses de aprendizado semelhantes. É uma excelente metodologia para estimular a independência e a criatividade dos alunos.

Temos também como importante aliada a tecnologia quando um dos maiores desafios nas escolas do mundo contemporâneo está no adequado uso da tecnologia em sala de aula. Como a maior partes dos alunos estão em contato direto com as mais diversas ferramentas como o computador, tabletes e smartphones. Por que não incorporar alguns desses elementos em classe como forma de engajar os estudantes. A tecnologia pode ser empregada como metodologia de diferentes formas, seja por meio de aplicativos para realização de exercícios da exposição de conteúdo via apresentação prévia preparado pelo professor e o uso de vídeos e sites interativos para exemplificar teorias. Apesar dessas diferentes maneiras de ensinar, o objetivo é sempre o mesmo: promover uma formação de qualidade por meio de conhecimentos sólidos repassados para os alunos.

Na prática, pode ser que uma turma ou até mesmo a estrutura da escola não permita a adoção completa de um modelo ou de outro. Existem diversos benefícios relacionados ao emprego de métodos variados de ensino. Mas não basta criar novos meios de ensinar se o professor não auxiliar os alunos a fazerem um resumo das informações que podem ser utilizadas nos exercícios feitos. Para isso, além da tecnologia, a lousa também serve como ferramenta didática para adicionar informações ditadas pela turma.

É importante estimular os alunos a observar as palavras e como elas foram empregadas em um determinado texto e leve-os a perceber que essa distribuição no texto é exatamente para que o leitor entenda o jogo de sentidos. Portanto, em uma concepção geral, objetivo é fazer com que o estudo da língua literária seja um meio de

reflexão, auxiliando na interpretação do mundo em que vivemos e no fortalecimento da capacidade de interação e protagonismo social.

Faz parte dessa meta preparar o estudante da escola pública para seu papel de cidadão consciente, atuante e responsável, para suas futuras necessidades acadêmicas e para demandas do mercado de trabalho. Todas essas esferas, que evidentemente estão interligadas, requerem indivíduos bem informados, críticos, inventivos que sejam capazes de se comunicar, por escrita e na fala, de forma clara e eficiente e que sejam hábeis em compreender e interpretar a miríade de textos verbais e não verbais com que necessariamente interagem no cotidiano. Podemos observar nos desafios enfrentados pela professora a cada dia de aula. As análises se dão através das observações feita por mim, nas suas atividades dentro da sala de aula, Como facilitador dos programas federais como: O Novo Mais Educação e o programa Fórmula da Vitória, foram fundamentais para que escolhesse o tema deste trabalho a ser apresentado.

- Ambiente em sala de aula;
- Dificuldades em sala de aula;
- Projetos pedagógicos em sala de aula;
- Material didático;
- Conteúdos aplicados;
- A biblioteca.

As categorias acima referentes a fala da professora sobre os quais as informações me levaram as análise de suas aulas, e, pensar que ainda temos dificuldades em ensinar crianças no ensino básico, onde me refiro as dinâmicas(didática), para que os alunos possam desenvolver seus conhecimentos e evoluir com mais facilidade e rapidez, uma vez que, neste novo tempo o professor tem acesso a um potencial do conhecimento na era digital, sendo que um dos gêneros que os acompanha é a internet que os ajuda suficiente na construção de novos horizontes, considerando que os alunos ainda se prendem a conhecer este gênero útil em sala de aula, no sentido da pesquisa. Não seria de bom tom o aluno usar a internet em sala de aula se não houver o acompanhamento pedagógico direcionando os fundamentos da internet em sala de aula.

Nos tópicos acima, direcionam os relatos da professora de língua portuguesa de uma escola da rede pública de ensino, situada na zona urbana de Santarém.

A professora licenciada em língua portuguesa, com especialização em comunicação social em jornalismo, cuja licenciatura se deu pelo fato de perceber que seus conhecimentos podem ir além dos seus limites para com eles somar na área educacional, uma área que requer muita disponibilidade e gosto pela profissão, profissão em que muitos atuam de modo que não conseguem facilitar os conhecimentos dos alunos que precisam para se tornar cidadãos críticos, cidadãos de bem. Com conhecimentos de mundo amplos, levando em consideração que nos dias atuais os alunos são bastante “*informados*” pelos meios de comunicação que norteiam um conhecimento gigante, com capacidade de aprender com facilidade, mas também de não se dá conta de que a sala de aula é um lugar onde tudo pode acontecer, uma vez que o professor seja o facilitador de informações, informações que seja inclusa em seu mundo, o mundo da internet. Antes mesmos de iniciar, quero ressaltar que eu mesmo observei as aulas da professora e tomei algumas anotações sobre os tópicos no qual a mesma falará sobre os mesmos. Dito isto, abaixo os relatos da professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

III

DAS CATEGORIAS E SUAS ANÁLISES

1. O AMBIENTE EM SALA DE AULA

O ambiente escolar como um lugar onde tudo acontece, vem se firmando cada vez mais trabalhoso para se dar como lugar de aprendizado. Em observações as aulas da professora de língua portuguesa da escola pública de ensino, percebi que este estabelecimento com mais de 35 anos de funcionamento formando cidadãos de bem. Cujas observações se deu através da necessidade de obter informações referentes ao tema do meu trabalho ser escrito. Isso me levou a informar sobre essas categorias que a seguir serão descritas com bases nas aulas da professora e minhas análises. Para começo de conversa, quero ressaltar que as perguntas serão baseadas nessas cinco categorias. Categorias estas que são úteis para entendermos a melhor forma de trabalhar a didática em sala de aula. Com base no ambiente em sala de aula eu dirigi a pergunta seguinte para a professora.

- Houve dificuldades em sala de aula?

Eu vou colocar a trajetória aqui na escola Maria Amália eu iniciei no mês de março de 2018 pelo processo seletivo da prefeitura e pra mim foi uma experiência muito nova eu nunca tinha trabalhado com turma de adolescente nessa etapa da trajetória estudantil deles né do 7º ao 9º ano foi tudo muito novo pra mim abordar alguns conteúdos pra este público é diferente a linguagem que você tem que trabalhar é diferente o tempo também é diferente a dinâmica em sala de aula tudo pra mim foi muito novo é a forma de como eles entendem as coisas como eles aprendem a dinâmica do contexto em sala de aula tudo foi muito novo eu demorei um pouquinho a entender como as coisas funcionavam adotei algumas estratégias como observar as outras professoras eu achei interessante em observar as outras professoras pra não perder muito tempo é tentando entender tentando elaborar uma estratégia eu adotei esta de observar os meus pares para com isso tirar alguma vantagem pelo menos na questão tempo que eu não tinha muito tempo

- Análise

As dificuldades encontradas segundo seus relatos, é normal encontrar em turmas do ensino básico, mas o que não é aceitável, é encontrar alunos que estão cursando o 7º ano e não saber o que são as classes de palavras e quais as funções que elas exercem na

frases, pelo fato da professora atuar pela primeira vez em sala de aula, ou seja, trabalhou pela primeira vez com crianças e adolescentes do ensino básico, mas isso não é o caso de alunos não estarem preparados para cursar essa série.

As aulas e metodologia adotada pela professora, eram sempre diversificava na maneira de trabalhar com os alunos de forma dinâmica, uma vez que os mesmos não tinham uma didática adequada para cada atividades. Essa nova forma de ensino adotada pela professora, é muito significativa para o aluno. Principalmente porque é um meio de envolver o aluno de todas as formas, dessa forma a mesma se refere ao fato de tudo ser novo para ela como professora do ensino fundamental.

E como mediador do Programa Novo Mais Educação, eu observei que essa didática adotada pela professora, é uma das formas de mostrar para o aluno que estudar a língua materna não é tarefa fácil, tratando da disciplina de Língua Portuguesa, onde há alunos que consideram essa disciplina como um enigma difícil de entender, ou seja, poucos alunos não preferem aula de Português. Mas será que não há outro jeito de fazer com que o aluno passe a gostar do Português?

Tratando do ensino de língua portuguesa, a dificuldade não se dá através da língua em si, mas de certa forma, elas aparecem quando o professor não procura conhecer as dificuldades dos alunos com quem trabalha essa disciplina.

Não há forma exata no processo ensino/aprendizado, ou seja, cabe ao professor inovar essa forma de ensina, por que para atuar em sala de aula, tratando-se do ensino básico, onde inclui crianças e adolescentes, o professor precisa conhecer a didática e suas formas agir, considerando que ela consiste em uma disciplina que discute o percurso de ensino de Ensino e Aprendizagem, que possibilita na reflexão sobre o papel social da escola em uma visão contextualizada e histórica. Onde o ensino pode ser definido como um processo de comunicação com propósito bem definido, sendo imo intencional, que acontece por meio de ações planejada, possibilitando à construção do conhecimento necessário a inserção social.

- Dos projetos pedagógicos trabalhados em sala de aula

Segundo a professora, a escola trabalha toda sua didática baseada em projetos essa iniciativa é importante para o aluno começar a se interessar em ampliar seu conhecimento de mundo. Uma vez que o mundo é um lugar onde tudo acontece com o

indivíduo que nele vive. Trabalhar projetos como uma didática de ensino, fez com que a mesma elaborasse um projeto para a turma do 7º ano, sendo que a mesma não era monitora desta turma. Mesmo não sendo monitora responsável desta turma, mas sendo professora de Português, a mesma elaborou o projeto “*livro eu te lendo, livro eu te escrevendo*” cuja culminância do mesmo seria de produzir um livro no decorrer do ano. As temáticas sempre eram passadas nas sextas-feiras, e a coisa foi acontecendo. Portanto, eu concluo esta categoria com a certeza de que o projeto do livro escrito pelos alunos deu certo, segundo os relatos da professora, esse fator me levou a fazer a seguinte pergunta para a mesma.

- Quais os projetos pedagógicos trabalhados em sala de aula?

Bom logo que eu cheguei aqui na escola a escola trabalha toda a sua didática é baseada em projetos né eu elaborei um projeto para turma do 7º ano apesar de eu não ser monitora deles eu queria trabalhar esse projeto com eles esse projeto era de elaboração de textos e desses textos a culminância ia ser a produção de um livro e a coisa foi acontecendo durante o ano todo foi solicitado que todos tivessem um caderninho de textos e esses cadernos de textos eram passados temáticas essas temáticas eu sempre procurava fazer na sexta-feira eu tinha duas aulas com eles na sexta-feira e eu passava determinadas temáticas que estavam ali no dia-a-dia deles coisas gostosas que eles queriam e tinham prazer em escrever e desenhar eles faziam textos e faziam desenhos dos textos eles criavam histórias então no início foi meio complicado fazer com que eles comprassem esses cadernos mas ao longo dos meses os meses se passando 95% eu diria da sala comprou os cadernos quem não tinha o caderno fazia no seu próprio caderno de resumos mas fazia e o projeto deu certo deu certo que eu via eles tendo o prazer de escrever não todos mas gente via que eles de escrever as temáticas, no momento eu nem estava vendo ainda a questão gramatical questão de ortografia como é que estava eu queria que eles escrevessem apenas que eles escrevesse eu corrigia os textos e devolvia e eles viam né que a correção estava sendo feita mas não estava ainda com aquele rigor absoluto ali de tá cobrando até por que nesses cadernos eu não dava nota nesses cadernos era uma produção apenas para o deleite mesmo para o desenvolvimento deles eu queria ver eles desenvolvendo e a culminância desse projeto se deu no final agora do mês de dezembro onde eles apresentaram os livros né foi um dia de muita chuva aqui na escola que nem todos vieram mas os livros que vieram bem feitos eles se esforçaram né foi um trabalho em grupos não foi individual a produção do

livro foi em grupo até por que eles teriam custos e eu resolvi fazer em grupo pra um ajudar ao outro pra eles entenderem que trabalho coletivo é prazeroso e tem responsabilidades ele tem movimentos e eles são muitos jovens o 7º ano ainda são muitos imaturos e eles precisavam ter essa chacoalhada né fizeram o trabalho apresentaram nós fizemos uma tarde com muitas brincadeiras com jogos distribuição de brindes né e foi muito bacana o projeto o trabalho deles que eles fizeram

- Análise

Se a escola trabalha toda a sua didática, voltadas aos projetos, é obvio que cada professor deve criar projetos que envolva os alunos, a escola em si, e até mesmo a comunidade escolar, isso só acarretará em bons resultados para a aprendizagem dos alunos, envolvendo cada vez mais o aluno no lugar que é seu por direito, fazendo com a escola forme cidadãos de bem, críticos e participativos. Isso levou a professora se inserir nessa forma boa de se trabalhar, onde ela criou o projeto, ***“Livro eu te lendo, livro eu te escrevendo”***, como mencionado anterior, foi uma forma de chamar os alunos para a realidade do que é estudar. Foi um projeto que deu certo segundo a professora, assim como eu pude observar também esse momento. Como citado anterior, esse projeto tratava de temática diferentes, uma vez que o mesmo era aplicado extraclasse, dessa forma é importante deixar com que aluno extraia seus conhecimentos de uma forma que ele possa entender o que leu. A partir dessa leitura ele vai tirando suas ideias referentes a leitura. O que mais chamou atenção, foi como o projeto foi aplicado, em forma de competição, uma vez que no final do semestre o melhor texto recebia um prêmio. Isso chamou atenção dos alunos, assim, eles levaram tudo a sério, resultando no rendimento de seu aprendizado a cada semestre. Trabalhar projetos em sala de aula e fora da sala é uma forma de incentivar o aluno mostrar interesse pelo estudo. Considerando que o processo de ensino e aprendizagem possibilitam e refletem sobre o papel social da escola, cabe ao professor obter o conhecimento didático que lhe orienta em sua trajetória.

- O material didático

O material didático a escola disponibiliza aos professores, material estes que como sabemos doados pela secretaria de educação do município, mas para a mesma não eram suficientes para que ela pudesse trabalhar a seu jeito. Percebi que ela sempre inovava a cada aula que ministrava. Além dos livros ela utilizava sala de vídeo, caixa de

som dentre outros materiais que a mesma precisava a escola tinha a disposição, mas como mencionado anterior, ela produzia alguns materiais didáticos como, o gravador, os cartazes, ou seja, ela tinha a própria biblioteca móvel. Ela enfatiza que o material didático ele tem que ter um propósito, pois não adianta levar um monte de utensílios para sala de aula sem que ele tenha um pedagógico envolvido. Essa é uma das questões a ser repensada pelo professor, isso me fez questionar o seguinte:

- Quanto ao material didático disponíveis na escola?

O material didático que eu utilizava alguns produzidos por mim mesmo né outros a escola disponibiliza a escola tem sala pra assistir filme tem sala pra assistir vídeos tem projetor tem caixa de som o que a gente precisa a escola tem outros eu trazia de casa trouxe ao longo do ano um gravadorzinho que eu tinha lá por casa uma música para eles terem um ambiente de música em sala de aula trouxe cartazes que eu mesmo confeccionava mas eu te digo assim que o material didático ele tem que ter um propósito não adianta você levar um monte de utensilio pra sala de aula sem que ele tenha um pedagógico envolvido né ele tem que ter um propósito uma intensão e tem que ser bem produzido tem que ser bem produzindo por que se ele for mal produzido o aluno percebe e não te dá atenção e o mecanismo a dinâmica da tua aula cai por terra e tu não vai conseguir atenção deles

- Análise

O material didático, segundo a professora, são ferramentas importantes para suporte do professor em sala de aula, eu concordo com sua fala, por que realmente muitos deles são muitos importantes para determinadas turmas do ensino fundamental, estes doados pelo Mec, são matérias bons de se trabalhar com alunos do ensino básico, o que mais chamou atenção, assim como a mesma fala diz, é que além dos livros doados, ela mesma confeccionava outros matérias para trabalhar com os alunos do 7º ano, onde ela desenvolveu o tal projeto do livro produzidos pelos alunos. Inventar projetos que tenha a culminância de desenvolver a leitura e a escrita do aluno, é permitir que o aluno teste seus conhecimentos nos níveis da leitura e da escrita. Dessa forma desperta no aluno a vontade de ler e interpretar o que ler, tornando-o um aluno criativo e crítico. Em suma, trabalhar na educação no nível básico é comprometer-se e se responsabilizar pela formação de cidadãos de bem.

- Dos conteúdos trabalhados

Em relação conteúdo, eu diria que esta categoria requer uma atenção mais específica em termo da didática, por isso, a professora diz que alguns conteúdos tiveram que ser adaptados. Porque tiveram que ser adaptados se eles são conteúdos adequados para determinadas séries (ano). Quando ela se refere em adaptar, ela quis dizer que a turma não estava dentro do contexto do 7º ano. Para isso ela teve que voltar no componente trabalhado ainda quando cursavam o 6º ano, ou seja, os alunos já do 7º ano estavam aprendendo os termos essências da oração, mas na frase não sabe o que é um verbo, um substantivo, o que é um adjetivo, dentre outros. Isso me fez lembrar quando estava ainda no estágio de observação. Não era a mesma professora e nem a mesma escola, mas era o mesmo ano. Porque será que alunos do 6º ano não aprenderam esses conteúdos? Tudo vai da forma da metodologia a ser trabalhada com os alunos, para melhor entendermos essa visão de conteúdo, a professora afirma que:

“Os conteúdos eu tive que adaptar muitos. Eu vi que o nível da turma do 7º ano, determinados conteúdos, eles não tinham base, em muitos eu tive que voltar, em muitos conteúdos eu tive que voltar, né! Se menino está aprendendo os termos essências da oração, não sabe o que é verbo, não sabe na frase o que é um verbo, o que é um substantivo, o que é um artigo, um adjetivo. Muitos eu tive que voltar lá atrás, se não continuasse com classes de palavras variáveis e invariáveis, pra que ele entendesse dentro de alguns determinados conteúdos, o que era aquela classe gramatical, ele não sabia. Mas, no todo, a gente conseguiu vencer, apesar de todo momento está voltando durante as explicações eu conseguir trabalhar todos os conteúdos propostos, né, para o ano letivo”.

- Em relação os conteúdos trabalhados?

Os conteúdos eu tive que adaptar muitos eu vi que o nível da turma do 7º ano determinados conteúdos eles não tinham base em muitos eu tive que voltar, em muitos conteúdos eu tive que voltar né se menino está aprendendo os termos essências da oração não sabe o que é verbo não sabe na frase o que é um verbo o que é um substantivo o que é um artigo um adjetivo muitos eu tive que voltar lá atrás se não continuasse com classes de palavras variáveis e invariáveis pra que ele entendesse dentro de alguns determinado conteúdo o que era aquela classe gramatical ele não sabia mas no todo a gente conseguiu vencer apesar de todo momento está voltando durante as explicações eu conseguir trabalhar todos os conteúdos propostos né para o ano letivo

- Análise

Do que se refere aos conteúdos, é observar qual e como trabalhar com aluno do 7º ano, uma vez que não é recomendável trabalhar conteúdos de forma aleatória conteúdos que não supra efeitos no aprendizado do aluno. Cabe ao professor planejar suas aulas de acordo com os níveis da turma. Assim como a professora teve que adaptar vários conteúdos, pelo fato de os alunos do 7º ano, não saber o que é um verbo, um substantivo, um adjetivo por exemplo, o papel que eles exercem na frase, é assumir que não há interesse por ambas partes pela educação.

Mas tratando de conteúdo segundo o termo usado pela professora, e a forma como ela trabalhava esses conteúdos, é concordar que para cada caso, há um caso, e no caso dos conteúdos trabalhados por ela, é obvio que ela sempre mudava as formas de trabalhos dela com os alunos. É importante dizer que, o que eu observei, em relação os conteúdos aplicados por ela, me chamou a atenção foram as formas que ela usadas por em sala de aula. Um dos exemplos dessas formas em que ela usava, era o gênero roda de conversa.

Esse gênero causa no aluno um susto no primeiro instante, mas é um dos melhores meios de trabalhar os conteúdos em sala de aula, uma vez que provoca no aluno aquela curiosidade de falar, mas quero deixar claro que tudo depende do tema a ser debatido entre a classe. Além desse modo de se trabalhar, ela usava outros meios como, a exposição, o sarau, concurso de poesias, quando o assunto era poesia, de certa forma, ela mudava a cada conteúdo aplicado, havia uma forma de se trabalha. O que vale mesmo, como dito antes, é inovar as formas de trabalhar, não deixando de lado a forma tradicional de se ensinar, mas adaptando-as de acordo conforme as mudanças vão acontecendo. A Didática, como ciência pedagógica objetiva transmitir técnicas que possibilitam o aprendizado do aluno por parte do seu instrutor. Uma prática que se baseia nas teorias pedagógicas que analisam as formas flexíveis à serem trabalhadas em salas de aula, concretizando os métodos em situações específicas utilizando melhores formas nos casos para obter resultados positivos. Suas técnicas de ensinamentos e/ou aprendizado dos alunos, têm como referências, formas de ensinar, explicar e adaptar ao aluno técnica que possam melhorar suas formas no âmbito de estudos do que se propõem. Esta disciplina pedagógica concentra-se no estudo do processo de ensino e aprendizado que tem como foco a formação e desenvolvimento do aluno.

5. A biblioteca escolar

A biblioteca escolar, como visto como um mundo de muitos conhecimentos segundo o que pude observar e conhecer essa realidade, recursos estes disponíveis para todo público, mas não há uma procura voltada para conhecimentos de mundo. Falando em conhecimento, a escola disponibiliza através de sua biblioteca elementos de pesquisa muito rico. Como já dito anterior, poucos professores não possuem hábitos de trabalhar o gênero pesquisa com seus alunos, por isso há uma necessidade de aprendizado quando se trabalha o gênero da pesquisa. Por isso a professora diz que ainda falta mais recursos, por isso ela mesma diz que trazia sua própria biblioteca móvel para dentro da sala de aula, onde havia seus livros com temas diversos, ou seja, ela pouco utilizava o ambiente da biblioteca, para melhor esclarecer, eu fiz a seguinte pergunta à ela, em seguida vejamos a resposta.

- Quanto a biblioteca da escola, oferece condições para trabalhar?

Eu digo que falta ainda mais recursos falta mais recursos eu inclusive eu tenho uma caixa de livros minha biblioteca móvel que eu tenho alguns títulos para trabalhar em sala de aula eu pego minha caixinha e eu levo para sala de aula esse é um recurso que eu tenho e trabalho com todas as séries com ela no 7º, no 8º e no 9º ano o que dá pra adapta né dependendo do contexto que você está trabalhando os livros por mais infantis que sejam dá pra adaptar né e é importante que o aluno leia independente do gênero que seja e esteja colocado para ele o importante é que o aluno leia

- Análise

Segundo a professora, a falta de recursos didáticos na biblioteca da escola, fez com que ela produzisse sua própria biblioteca móvel, na qual havia alguns títulos para trabalhar sala de aula, trata-se de uma caixinha onde a mesma levava para todas as salas onde ela iria dar aula. Além desse recurso usado por ela, a escola possui sua própria biblioteca, onde eu tive a oportunidade de conhecer e observar que há um cenário rico em conhecimento diversificado que pouco é usado pelos professores. Quando eu me dirijo aos “*professores*”, eu generalizo a questão, por que pouco se via grupos de alunos reunidos na biblioteca pesquisando seus respectivos temas.

Não sei qual o motivo de não utilizar com frequência o espaço da biblioteca para estudos em grupos ou até mesmo individual. Me direciono a professora que em observei. O uso de sua própria biblioteca móvel era de muita importância para ela quanto a turma onde ia trabalhar, por que ali havia temas de acordo com as necessidades de cada turma. Em relação a diversidade dos temas, como já citado anterior, se dava pela falta de conhecimento dos alunos em diversos conteúdos já também mencionado acima. Aos professores da educação básica, faço um pedido: reveja sua forma de atuar em sala de aula, inove sua didática de ensino, promova algo que chame a atenção de seus alunos através do ensino, não se prenda ao passado, libere o novo que existe em sua mente, e haja com cautela, para somar na formação de cidadãos de bem, produtivo e críticos a realidade atual.

Com base nos relatos da professora, as dificuldades existem quando não procuramos criar diferentes meios para trabalhar com turmas novas principalmente quando se trata dos anos iniciais do ensino fundamental. Mas esse é o papel do professor, onde o mesmo tem que estar preparado, ou até mesmo, se preparar para lidar com esse público. Público este a quem me dirijo no ensino básico, onde as dificuldades surgem com frequência, principalmente quando o profissional não está habilitado para atuar na área do ensino de crianças e adolescentes. Estes relatos foram muito importantes pra mim, quanto acadêmico, por que vai me prepara e fazer com que eu tenha mais embasamento ao entrar pra essa área.

O importante é que, em sua fala, ela se coloca de uma maneira tão clara e objetiva, principalmente quando ela refaz as aulas sobre os conteúdos que teriam que ser abordados de forma clara para os alunos do 7º ano, estes quando cursavam o 6º ano. Isso tudo leva a crer que quando esses alunos, passaram a cursar a série anterior, os mesmos não tiveram uma atenção pedagógica voltada para aquela ano. Isso se torna uma situação grave, por que, o 6º ano, é o ponto de partida para que o aluno possa estar preparado para segunda fase do ensino fundamental, segundo os PCN's.

É preocupante ouvir de um professor que acaba de chegar em uma escola pública e ter que reorientar alunos do 7º ano com conteúdo que teriam que ser abordado nas séries iniciais da segunda fase do ensino fundamental. Por isso, cabe ao professor inovar todas as vezes que necessário for, para que ele tenha a atenção dos alunos, não só de alguns, mas da classe toda. O importante também que o professor pense um pouco nos momentos que ele também foi aluno desse ciclo, pois, tudo começa quando a pessoa

passa a pensar que nos tempos de alunos e nas dificuldades que o mesmo passou para chegar ao lugar que ocupa naquele momento.

Quanto o material didático quase tudo completo, mas para exercer uma boa profissão a que me refiro em ser professor, sempre irá faltar algo, algo que ele crie em sua mente, que pode auxiliar em suas atividades em sala de aula. O Professor não pode ficar preso apenas nos livros didáticos que a secretaria de educação disponibiliza as escolas. Mas tem por direito de criar ideias e pôr em práticas para que seus alunos participem e façam a diferença ao entender o que o professor quer repassar a turma. Eu achei muito importante a ideia da professora em criar o projeto, **“Livro eu te lendo, livro eu te escrevendo”**, onde o projeto ocorre com a confecção do caderno dos próprios alunos e propor temática que relacione o dia-a-dia de cada um. Partindo dessa ideia da professora, percebe-se que a didática está sendo utilizada de forma diversa, ela sai um pouco do mundo das nomenclaturas e das gramáticas. Ou seja, ela sai da forma tradicional de ensinar, mas não foge do contexto da produção, é o que mais importa neste tempo real em que vivemos, o tempo da tecnologia da era digital.

“O conhecimento da didática como uma ciência que orienta o professor em sua trajetória. Não devemos atribuir à ela toda sorte de sucesso ou fracasso, mas sobretudo, pensar que a mesma traça um caminho norteador para diversos debates. Outra parte desse contexto depende muito como o profissional cria sua identidade com a carreira docente e como o mesmo fará a compreensão de saberes necessários para sua prática. Não basta apenas conhecer os pressupostos teóricos, o professor precisa desenvolver habilidades e competências para tornar o conhecimento significativo ao aluno”. Ir além dos elementos linguístico do texto, é propor um desafio para os interlocutores, onde há muitas propriedades que fazem de um conjunto de palavras um texto, as quais na literatura linguística, têm sido denominadas de *intencionalidade* e *aceitabilidade*. Segundo Antunes, elas ocorrem de forma interativa, ou seja, a primeira concerne ao emissor do ato verbal; já a segunda ao destinatário. Ambas, ressaltam o caráter interativo. Essas nomenclaturas sobretudo o nome da primeira propriedade – presta-se confusões de uma certa forma em que o iniciante venha a confundir a *intencionalidade* com a *intenção* de quem fala ou escreve. Para que isso não venha ocorrer, Antunes ressalta que: a *intencionalidade* para os estudiosos da linguística de texto refere-se à predisposição do falante para comporta-se eficientemente em sua atividade verbal, ou seja, dizer coisas que têm sentido, coesas e coerente, que sejam interpretáveis. Ela

representa a disposição do interlocutor de cooperar com seu parceiro para que ele possa processar, com sucesso os sentidos e as intenções do que é expresso.

CONSIDERAÇÕES

A dimensão em que se enxerga aqui, a análise do relato da professora sobre as categorias acima citadas é fundamental para ver e pensar na educação com seriedade, no êxito que se procura para nossa atividade pedagógica, sem esquecer que a atividade de ensino é inerentemente interativa, ensinar e aprender são duas faces da mesma realidade. E que nós, os professores, não pensemos apenas em corrigir mesmo quando avaliamos. Nosso compromisso maior é ensinar, facilitar e promover a aprendizagem que aluno está empreendendo. Estimular sua vontade natural de aprender, “não atrapalhar, não dificultar essa vontade, demonstrando, inclusive, que nós, professores, também, estamos aprendendo.

Com base nos relatos da professora de Língua Portuguesa, do ensino básico da rede pública, tem como objetivo entender a didática em sala de aula, a forma de como as aulas são trabalhadas nas series iniciais. Por isso, foi muito importante ouvir e avaliar a professora pelo trabalho desenvolvido na escola onde trabalha. Muitas das vezes alguns dos professores se prendem em desenvolver novas formas de trabalhar. Pensando nesses novos meios dinâmicos, foi que tive a ideia de realizar esse trabalho baseado nos relatos, como o ambiente em sala de aula, a dificuldade encontrada pela professora, os projetos pedagógicos da escola, o material didático, os conteúdos trabalhados em sala de aula e a biblioteca.

As categorias analisadas com o objetivo de ter conhecimento sobre a didática em sala de aula, foram fundamentais para chegar a uma conclusão clara que ainda precisam ser revistas pelos professores que trabalham na formação de crianças e adolescentes. Não basta apenas impor as atividades aos alunos se não houver uma culminância real de ensino para esse público. Como ressalta a professora citada na conversa, “Se não tiver uma sequência didática, nos planos de aula, sua metodologia vai por água-a baixo. Portanto, é necessário que cada profissional inove sua maneira e novos métodos de trabalhos para que tenha um bom desempenho em seu trabalho e êxito junto aos alunos que os ensina.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: - . Estética da criação verbal, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 278 – 326.
- MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental: Língua Portuguesa Brasília: 1997.
- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo. Editora Parábola. Ed. 3, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In:____. *Estética da criação verbal*, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 278 – 326.
- BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco Savioli. *Lições de texto: Leitura e redação*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 20 – 35.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1953. ANTUNES, Irandé. *Aula de português - encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN; VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec.
- ROJO, Roxane. *Letramento múltiplos, escolas e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. *Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso?* São Paulo: LAEL PUC -SP, 1999.
- _____. *Letramento e capacidade de leitura para cidadania*. São Paulo: SEE/CENP, 2004

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS

Aos 23 dias do mês de Julho de dois mil e dezenove na cidade de Santarém do Estado do Pará ocorreu no Campus Rondon, sala R1, às 09:00 horas, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**A didática em sala de aula**", de autoria de **Genival Daniel Godinho de Sousa**, sob a orientação do professor Heliud Luis Maia Moura. A banca examinadora foi composta pelos professores Heliud Luis Maia Moura, Washington Luis dos Santos Abreu e Edvaldo da Silva Bernardo, sob a presidência do primeiro. Após defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho enquanto produto acadêmico de iniciação científica, a banca decidiu pela (X) aprovação / () reprovação do TCC, ao qual foi atribuída a nota 85. Fica acordado que a nota () está / (X) não está condicionada à entrega final do trabalho, que deverá contemplar as observações da banca examinadora, no prazo máximo de dez dias úteis a partir desta data. Proclamados os resultados pelo presidente da banca foram encerrados os trabalhos e para constar, eu Ramundo Nonato Vieira Costa, lavrei a presente ata que será assinada pelo orientando e pelos membros da banca examinadora.

Autor(a): Genival Daniel Godinho de Sousa Matrícula: 201101115

Orientador(a): Heliud Luis Maia Moura

Examinadores: ~~Edvaldo da Silva Bernardo~~

Washington Luis dos Santos Abreu



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS

Frequência da sessão de defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A didática em sala de aula", de autoria de Genival Daniel Godinho de Sousa, ocorrida no dia 23 de Julho de dois mil e dezenove na sala R1 do Câmpus Rondon.

Washington Luiz do Prado Filho
Helena Cruz de Jesus
Márcia de Oliveira Carvalho Lima
Luizete Claudine Teixeira Cordeiro
Neily Almeida da Luz
Genival Daniel Godinho de Sousa